

cheiro de tinta



wigvan

Ebook "Cheiro de Tinta" - Material de divulgação

Contato: wigvan@gmail.com | www.facebook.com/wigvanquistao

Site de lançamento: www.junbai.wix.com/ebook2

Release | Sinopse | Comentários | Críticas | Informações | Trecho do ebook

Release:

Ebook traz o racismo pela perspectiva da infância e tem renda revertida para projeto social

A volta de Célia traz à tona o racismo e a intolerância da peculiar população da Rua G. Essa é a premissa do eBook Cheiro de Tinta. Narrado pela única criança da rua, um menino que transita por todos espaços, o conto registra a brutalidade a partir do descompasso entre o discurso da criança e a violência que ela sofre ou testemunha, mas a qual não consegue fazer caber em palavra.

Com sentenças simples e construções que lembram a oralidade pura, o autor, Wigvan, pontua as ações e os espaços percorridos com reflexões sobre amor e papéis de gênero. Helissa Oliveira Soares, Mestre em Literatura (UFG), destaca como maior mérito do autor “a profundidade das personagens e a habilidade de elaborar um texto uno e íntegro com efeitos múltiplos e legítimos”. Para a jornalista Camilla Rocha, que assina a apresentação, “o mais interessante do estilo de Wigvan é se deparar com uma literatura que parece não beber de nenhuma outra fonte além da própria dor”.

Projeto Social e Cadastro de afiliados

O eBook, editado de forma independente, terá a renda revertida para o Projeto SalvaCão, que desde a sua criação em 2011 já resgatou mais de 40 cães. Além disso, a plataforma de venda permite o cadastro de afiliados. Isso significa que para qualquer pessoa que se cadastrar, será gerado um link único para venda do eBook e a cada venda realizada por meio do seu link, receberá uma comissão de 40%.

O autor: Wigvan é licenciado em Filosofia (UFG) e doutorando em Ciências da Literatura, com ênfase em literaturas africanas (Universidade do Minho – Portugal).

Valor: **R\$ 4,95** | Formato: **PDF** | Para comprar:

<http://hotmart.net.br/show.html?a=W2130506W>

Sinopse:

A volta de Célia traz à tona o racismo dos moradores da Rua G

A população da Rua G se divide em três grupos: uma única família que tem um salão anexo à garagem, as outras casas todas habitadas por mulheres e os homens que visitam as casas das mulheres de madrugada ou o salão durante as tardes.

A geografia daquela rua é composta por calçadas onde as mulheres, quase todas jovens, conversam em seus momentos de folga, um terreno baldio, onde vez ou outra aparece um bebê não querido, e uma casa quase sempre inabitada. A única criança que mora ali, um menino, transita por todos esses espaços - calçada, salão e terreno baldio - acompanhado de seu coelho.

Também passa a frequentar a casa de Célia quando ela volta do estrangeiro. Visita constante para ouvir música e ler revista de novela, o menino acaba por descobrir, entre as frestas, que Seu Gaspar, marido de Célia, esconde um segredo.

Um episódio envolvendo Dylan, o cachorro que para Célia e Seu Gaspar é um filho, e Algodão, o coelho do menino, traz à tona o racismo e a intolerância que até então todos extravasavam apenas em rabiscos na parede da frente da casa dos vizinhos indesejados.

Comentários:

“Ler este texto, talvez pelo momento em que eu estava vivendo, ou talvez pelo peso do texto mesmo, foi como um soco no estômago ou como uma queda livre e desesperada para a minha alma.”

- Ana Maria Siqueira

“Tudo o que Wigvan escreve é um manifesto pelo direito à delicadeza em um mundo de brutalidades.”

- Aurea Pereira

“Wigvan tem um encantamento de uma simplicidade que eu não sei definir. Ele escreve como alguém que sussurra histórias no ouvido da gente. Seja para dormir, seja para foder. Sua escrita são sussurros metódicos, porém irresistíveis.”

- Darlene Maravilha

“Não havia crianças na Rua G, apenas mulheres. Mulheres de segredos e mistérios incontáveis, cobertos de seda, envoltos em cores de cabelos e cheiros de tinta. No meio delas, um menino que não cresceu, porque insistia em inventar mundos como esse que criou o Wigvan. O limite da ficção também é mistério. O resto é infinito.”

- Déborah Gouthier

“Wigvan não precisa da fama que seus sublimes textos vão trazer. Nós que precisamos lê-los e não fazemos ideia do quanto.”

- Gilmar Júnior

“Lembrando-nos de Charles Dickens, Virginia Woolf, Edgar Allan Poe, tanto na profundidade das personagens quanto na habilidade impecável de elaborar um texto uno e íntegro com efeitos múltiplos e legítimos, Wigvan deslinda diante de nossos olhos o humano.”

- Helissa Oliveira Soares

“Que conto maravilhoso! Tão poético, seja no belo da infância, seja no trágico que a permeia. Wigvan faz caber tanto nele, mesmo em poucas páginas, tudo tão bem conectado. Espero que mais pessoas desfrutem do prazer de tal leitura.”

- Michel Domenech

Críticas:

A simplicidade e a dureza da escrita, **Camilla Rocha**

Wigvan vem assim, devagar, simples na escrita, mas com intensidade suficiente para tornar complexo até o mais sutil dos atos. Em seus textos tudo importa, tudo tem seu valor, tudo pesa e nada incomoda mais que o peso. Cada minúcia precisa ser analisada, pensada e, por fim, completamente decodificada.

O mais interessante do estilo de Wigvan é se deparar com uma literatura que parece não beber de nenhuma outra fonte além da própria dor.

A vida é retratada de forma pura, sem meias palavras e sem pudores. Retratada assim como é vivida internamente por cada um de nós, que apesar de maquiarmos diariamente nossas impressões, não conseguimos deixar de nos localizar em meio a essa narrativa que expõe tão naturalmente o eu e o outro.

Apesar disso, não existem as palavras certas ou um desfecho romanesco comum. A literatura de Wigvan existe num outro campo, o da realidade oculta, do intocável e do que permanece tanto na cabeça do leitor quanto em seus próximos textos. Cada narrativa nova traz uma familiaridade que mais parece uma reescrita daquilo que permanece inacabado e que nunca poderá ser completo. O bonito de Wigvan é a procura que nunca cessa.

A infância retratada sem banalidade, **Thales H. Pimenta**

É curioso. Um filósofo neerlandês dizia que quando Pedro fala sobre Paulo, a gente sabe mais do primeiro que do segundo.

Mas no conto de Wigvan isso não procede porque o narrador é atravessado pela experiência dos outros de tal forma que a gente se desloca entre perspectivas: ora dele, ora dos outros personagens, ora de um eu oculto que vaga pelo universo da narrativa de uma maneira quase niilista, como se não se sujeitasse às lógicas microcósmicas – mas não por isso superficiais – da chamada Rua G.

Então, a cada parágrafo eu sinto que vou sabendo muito menos sobre o menino dessa rua, o que já começa no fato de que ele não tem nome, e parece que ele se torna uma espécie de espírito da própria rua, que vaga por ela recolhendo as memórias e as experiências dos seus moradores de forma silenciosa e oculta.

De repente, a banalidade com a qual toda infância costuma ser tratada se desfaz completamente. E o menino, que a tudo olha quase pelo rés-do-chão como qualquer outra criança, vai se tornando ponto de transição entre as perspectivas. É ele quem amarra os sentidos.

“O texto me chutou as costelas e me socou o estômago”, Vivian Thomaz

Tudo o que eu vou te dizer agora é de uma sinceridade profunda. Em nenhum momento eu tentei amenizar as palavras ou enfeitar pra te fazer sentir melhor. São palavras honestas.

Eu adoro o jeito que você escreve. Amo a maneira como você transforma tudo em poesia. Inclusive, eu sinto que o seu conto (principalmente a introdução) seria facilmente transformado em poema. Gosto das frases curtas do primeiro parágrafo, gosto da poesia naturalmente impregnada em cada palavra. Gosto de como você sempre caracteriza as coisas um jeito espaçado. Você deixa a sensação de que não tem dificuldade pra escrever. Acho lindo a maneira com que você pega palavras simples e dá sentidos complexos, como você reorganiza as ideias de um jeito que quem lê tudo num fôlego só, precisa parar e pensar "opa, acho que essa palavra aqui não quer dizer isso, não, deixa eu ler de novo."

"Uma das mulheres, por exemplo, uma noite sentiu que ele foi tão forte que: puff! Explodiu seu coração. Por isso ela não tinha o seio esquerdo e amargura de não poder sentir o coração pulando quando ganhava um beijo." Eu não preciso dizer que isso acabou comigo, né? Li, sem mentira nenhuma, 15 vezes. Guardei no coração.

Meu doeu profundamente os relatos de racismo. Parei de ler várias vezes, quando eu voltava tinha mais, parava de novo, até achar que já dava pra continuar. Continuava e mais racismo, mais misoginia e um incômodo sem fim. É incrível como esse conto tem a inocência de uma criança, mas ao mesmo tempo tudo é relatado

com tanta sinceridade e tanta honestidade que chega a ser cômico e duramente ácido em algumas partes.

Não sei dizer como e nem onde, mas tem malícia. E eu consigo imaginar, tranquilamente, uma criança narrando tudo isso, sem pausas bem feitas, sem saber direito como conduzir uma história, contando no calor do momento, soltando tudo de uma vez. E eu acho que muito dessa impressão se dá pela ausência de indicadores da fala, sabe? Mas eu gostei pra caralho disso!

É tudo muito natural, mas de uma profundidade amarga e assustadora. Chorei e não foi pouco. Chorei e não foi só uma vez. Chorei na primeira vez que li e nas outras quatro vezes que se seguiram. Eu não esperava pelo final, não esperava pelo desenrolar, não esperava por nada.

Achei incrível a progressão do texto, a forma como você traz uma introdução reflexiva e atemporal, mas vai contando a história de um jeito pequeno e desprezioso, até se tornar uma coisa grande e explosiva.

A leitura é corrida porque o texto é fluido e estrategicamente bem construído. Mas ao mesmo tempo o sentido é difícil, é duro, é horrível. Fiquei mexida, com um aperto no peito que não passou com facilidade. Demorei pra me recuperar. Não é fácil ler algo que te corta, te abre e te expõe. Não é fácil ficar indiferente quando você se vê em cada linha, em cada agressão, quando você reconhece os personagens e as situações. Porque você sabe qual é o sentimento, sabe como dói, como machuca.

Não sei direito como explicar, mas ao mesmo tempo que o seu estilo é simples, tem algo de tão, mas tão, tão forte que simplesmente me quebrou. De verdade, Wigvan. É contrastante ver o texto corrido, mas cheio de significados duros.

A inocência da criança me aqueceu e divertiu, só que ver e ir além: enxergar a Célia, me sufocou. O seu texto me chutou as costelas e me socou o estômago. Me invadiu, me rasgou, me atravessou. Me fez lembrar do passado. Não posso dizer "ai que lindo!"- porque de lindo, ele não tem nada. Tem um gosto ácido. Aflição, angústia, ansiedade, sofrimento... tudo. E ânsia.

Ânsia.

Você mexe com as pessoas, Wigvan.

Informações:

1) Qual o preço?

O ebook Cheiro de Tinta será vendido em formato PDF, por tempo limitado, **pelo valor de R\$4,95** e seus fins serão destinados exclusivamente ao **Projeto SalvaCão**.

2) Onde?

O ebook Cheiro de Tinta será vendido por meio de uma plataforma de venda de produtos digitais que permite o cadastro de afiliados. O link para adquirir o ebook é:

<http://hotmart.net.br/show.html?a=W2130506W>

3) O que "cadastro de afiliados" significa?

De forma bem resumida: você se cadastra, recebe um link e a cada pessoa que comprar pelo seu link você receberá a **40%** do valor comissionável do ebook, ou seja, depois de descontadas as taxas de uso do site.

4) Como assim? Eu vou receber por divulgar o seu ebook?

Sim. Mas atenção: o site só permite saque após seu saldo for **superior a cem reais**. Então é preciso analisar se isso é vantajoso para você.

5) Por que ebook? Não vai ter livro impresso?

Vai ter livro impresso sim, feitos individualmente a partir de uma proposta artesanal. Trata-se de uma coletânea de contos e "Cheiro de Tinta" está entre eles. Mas é um projeto muito especial para mim.

Toco em questões que todos, de um modo geral, enfrentam: a morte, a família, o amor, a infância, a velhice. Mas falo a partir deste lugar que é todo meu e que compartilho com quem sabe o que é sofrer violência apenas por ser aquilo que é, com quem sabe como o mundo inteiro pode ser hostil e ameaça.

Por isso resolvi disponibilizar um dos contos para leitura online, para ver se conseguia atrair para o texto esses olhos certos, olhos que já estão abertos para questões que causam dor a muitas pessoas, sensibilidades já treinadas para respeitar o outro.

Matutei bastante sobre a melhor forma de fazer isso.

Como o Projeto Salvação, que acompanho desde que foi criado, está precisando de uma ajuda financeira, achei que a forma melhor seria esta: colocar o texto à venda e doar o dinheiro arrecadado com a venda.

6) E se eu não puder gastar o valor de R\$4,95?

Querida pessoa, se você não puder gastar esse valor com um ebook e quer ter acesso ao conteúdo: olha, entendo perfeitamente, sei como é viver com o orçamento apertado. Não é vergonha não ter dinheiro, seria lindo que 5 reais não fizessem falta para todas as pessoas, mas a realidade não é linda. Então é só você me avisar por e-mail (wigvanquistao@gmail.com) que a gente dá um jeito. ;)

7) Por que tempo limitado?

Por questões de direitos autorais relacionados à venda da versão impressa, eu só posso deixar o ebook disponível para venda por tempo determinado. Como disse ali em cima, a realidade não é linda e tem um monte de burocracias.

Mais alguma dúvida? É só mandar um e-mail para wigvanquistao@gmail.com

Trecho de “Cheiro de Tinta”

Assunto que gostava era de tristeza e de sonho, do show do leandreleonardo que vai ter na cidade, vão sortear uns ingressos na rádio, de tinturas e de esmaltes vindos da Espanha, coisa da melhor qualidade, presente da Célia, lembra dela? Menina de quinze anos que trabalhava de doméstica pra dona da loja de tecidos.

Neguinha, neguinha mesmo, coitada!, um cabelo assim: dessa altura, mas tinha umas pernas de dar inveja—preto tem sorte, fica com perna bonita só de subir e descer ladeira. Ia trabalhar de shortinho, com aquelas pernas, uma cinturinha que mão aperta sem precisão de esforço. Não deu outra, perdeu a honra, né?, o pai não queria saber de moça perdida em casa sua. Sem eira nem beira, acabou pelas bandas de lá. Bastou alguns meses na Rua G para ela tirar a sorte grande e conhecer uma senhora distinta que levava meninas para serem manicures na Europa.

Ela queria vir embora, saudade, estava fora havia seis anos, queria viver de dar aula de espanhol ou montar salão de beleza. Quem sabe comprava até aquela casa na frente da minha, vazia entrava e saía ano, quatro cômodos e rodeada por um terreno baldio bastante adequado para abandono de recém-nascidos, deu no jornal e tudo!, e por essa função social os prefeitos desistiam da praça prometida com pompa e descerramento de placas. Nem todos lidavam bem com a agitação da Rua G, por isso, o anúncio de “aluga-se” se tornara praticamente uma tatuagem.

Depois de alguns meses de presentes mandados por correio, Célia voltou e, para o meu desgosto, instalou-se ali mesmo, independente de todas as promessas que eu fizera nos minutos antes da aula em que a professora obrigava a gente a rezar. Enquanto as vizinhas pareciam entusiasmadas, fiquei na janela que dava para a rua, o nariz encostado no cheiro de ferrugem, Algodão, já um rapazinho, espremido em meu carinho de raiva contida.

O assunto era como ela voltou bonita, um dos quartos vai usar para guardar sapatos, vai rifar uns que não servem, uns casacos maravilhosos, quem vai usar casaco nesse calor? quiçá em época de pecuária..., para inteirar o dinheiro pra comprar uns móveis que faltam. No mercadinho: e não é que a neguinha voltou até

mais branca? O cabelo continua ruim, pelo menos não tem mais aquele jeito de sujo, ela teve a decência de usar um prendedor, não ficar aquela cabeleira armada parecendo que tá dando voz de assalto. No salão do meu pai: ela vai ser puta não, tem marido, tô pagando pra ver.

E tinha mesmo, mas daí o falatório era como o marido era esquisito, de chapéu e suspensório, alto demais pro meu gosto, caladão, tem cara daqueles bandidos de filme, louco, sei lá. Deve de ser louco, que tem alguma coisa errada com ele, ah isso tem, por que mais razão haveria de um homem alinhado, olho azul, escolher amasiar com uma neguinha? Que fosse puta, a cidade tá cheia de homem de bem que casou com puta, mas preta? Decerto não foi quisto por moça donzela digna de respeito e isso é sinal de que tem problema, melhor ficar esperto com esses dois, esse povo que vem do estrangeiro... Deve até usar droga.